

PEDRO MANOEL MONTEIRO
SIAPE: 1465345

AMANHÃ AMADRUGADA

Vera Duarte

PEDRO MANOEL MONTEIRO
SIAPE: 1465345

AMANHÃ AMADRUGADA

2ª Edição

Ficha Técnica

Título: Amanhã Amadrugada (2ª Edição)
1ª Edição em 1993

Autor: Vera Duarte

Editora: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL)
CP 464 • Tel.: +238 2618482 • Fax.: +238 2618416
Praia • Cabo Verde • www.bn.cv

Capa: PC-Arte

Ilustração da

Capa: Pintura de Roberto Chichorro

Maquetagem: IBNL

Impressão: Tipografia Santos, Lda

Tiragem: 500 Exemplares

Todos os Direitos Reservados

Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro

Praia

2008

1. Vera Duarte em momentos vários ou os cadernos de amor e de presença

«Como sou louca em declarar o meu amor suicidário. Esse amor que longamente viveu entrincheirado atrás de todas as barreiras... de todos os obstáculos e não desprezou qualquer forma de recusa. Não lhe bastou a moral cristã que me foi inculcada nem a moral revolucionária que livremente aceitei.»

In: Momento III (*buganvlias lilazes*)

É a apresentação do poeta. Do seu dilema que é também o dilema da geração a que ela pertence. Mulher de encruzilhada, dividida e perplexa, entre a «moral cristã» e a «moral revolucionária», que ora se antagonizam ora se complementam. Mulher poeta, poeta mulher que tem de si uma consciência que toca a essência, ainda que reconhecendo que não poucas vezes lhe foi negado o direito à existência. «Sinto-me borboleta a quem recusaram as mais belas flores.» Mensagem metáfora através da qual o sujeito poético confessa a sua revolta; ou então, nestes versos: «Apertam-se-me os círculos concêntricos... que continuamente se despedaçam de encontro a uma parede castrante erguida não sei por quem, erguida não sei porquê.»

In: Momento XI (*esquisso*).

O sujeito, quase narrador, que em muitos versos assume a dimensão e o lirismo também quase subjectivos quase autobiográficos, manifesta-se por vezes prisioneiro da sua própria narração, fechado no seu discurso que ele sente e sabe que é seu remetente/destinatário.

É o efeito boomerang das palavras e do conteúdo delas. Sugere-nos o poeta: «De que me servem então as palavras? Para flutuar perdida à mercê delas? Para cumplciar este pesado fardo que longamente carrego a sós?»

In Momento X (A vida é um teatro num único acto de desencontro).

Encontramos igualmente espelhada nos poemas de Vera Duarte a dimensão feminina (?) da confissão, dolorosamente arrancada em fragmentos. A tragédia milenar da mulher prisioneira de estereótipos interiorizados e recusados: «Como diria o poeta, choro da dor de me saber mulher feita não para amar mas para ser amada. Choro porque sou e amo.»

In Momento XII (século vinte, um dia incerto de um tempo de mágoas).

Marcadamente relevante é também a necessidade que o sujeito poético e narratário tem de se projectar no outro, profusamente apresentado nos poemas que constituem os Cadernos poéticos em «te», «por ti» e «em ti». «Farei para ti uma longa e transbordante mensagem nesta cúmplice folha de papel.»

In: Momento IV (faits-divers)

Ou então: «Comporei para ti longas canções desesperadas e na reverbação das ondas cada dia colherei a tua imagem. Rever-te-ei sempre com a fronte agachada em meu colo enquanto mornamente minha mão se deleita na aspereza de teus cabelos. Serão longos extractos de longa paixão que longamente me vem habitando.»

In: Momento XIV (deserção).

A poesia é também, pela sua natureza, um movimento para o outro; o desejo à humana complementaridade; a recusa à isolação embora tendo-a já por certa porque a incompreensão é secular:

«...não fora a nota dissonante
com violência arrancada do violão
fosse tudo

solidão

silêncio

e paz

... amar-te-ia

até ao curvar dos dias

até ao extinguir da chama.»

In: Momento XIV (deserção).

O chamamento constante do interlocutor que ateste o diálogo, que oiça a confidência, que testemunhe a confissão e a necessidade de partilhar, surgem, e já aqui foi referido, com elevada frequência, nestes poemas de V. Duarte. Razão tem o poeta António Ramos ao afirmar que «Os poetas não se evadem da existência», in J. L. de 19-11-91. Ainda que o desejo de «contigo» não se realize e a espera seja cosmicamente adiada, pese embora o permanente: «Pedido de socorro que me tange os nervos e me ecoa o cérebro».

In: Momento V (mensagem).

O projecto plural e solidário é vital para o sujeito poético:

«eu e tu

sentados na ilha

num banco da praça

olhando o mar

saberemos ser

— amor—

e no nosso abraço

aquecer o mundo»

E este projecto plural e solidário ficará bem reiterado e documentado quando em «sortilégio» ele é assumido e desejado como

objectivo último do ser Homem: «Queria percorrer longamente/os estranhos corredores interiores/encontrar em cada esquina/multidões em delírio/penetrar no lumiar inolvidável/das grandes emoções colectivas/sentir/criar/viver/azul e bela/a amizade na ladeira da vida/ abater com fuzis de raiva/os homens de moral pirata l que não nos deixam amar.»

Não se pode omitir, porque ficaria incompleta, esta apresentação, o lado fascinante de Vera Duarte, a força da mulher que dela emana. Sempre atenta e afável ao próximo, escondendo por vezes, timidamente, «a menina» que lhe permanece no fundo dos olhos e que fala com veemência do seu sentir as gentes, as coisas e os lugares.

A Vera poeta que transporta para os versos, que são também a sua forma de contar, o que presenciou, experimentou e a emocionou em instantes iluminados, sob forma, às vezes, inusitadamente confessional, emotiva e crítica a corroborar a máxima de Juvenal: «Facit indigna tio versum» (a indignação inspira a poesia).

«Não!

Não poderei ficar longe!

Célebre, transmitida por instituto

A notícia chegou

.....

Mais uma vida sacrificada

Mais uma mancha que não poderá ser apagada

... tentativa desvairada de manter aprisionada

a alma que se está libertando.

Não!

Não poderei ficar longe!»

A empatia criada através da leitura dos poemas dos Cadernos poéticos chega a ser, para a leitora, memorial e identificativo. «... de regresso ao lar, já cumprida a insuperável dualidade do meu ser em essência-ser em aparência».

É a condição da Mulher, são extractos de uma longa saga cujo epílogo não se avizinha próximo. Esta condição ganha amplitude quando o sujeito poético a inclui naquilo a que chamaremos a sedução de eternidade:

«E como é linda esta folha de papel que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito e, acima de tudo, MULHER».

2. Vera poeta de-entre-mar-chuva-e-futuro

Porque bom poeta e humanizada pelas ilhas, Vera Duarte não foge à relação com o mar. Uma relação complexa e conflituante de que o poeta tem consciência e deixa transparecer nas abordagens que dele faz ao longo de um significativo número de poemas destes Cadernos poéticos.

«Hoje tive sonhos do fundo do mar... eu penetrava no mar, um mar verde e lodento que se me escorregava debaixo dos pés e me causava náuseas.

Com a água pela cintura e os braços em arco, passava por entre os barcos das minhas viagens de antanho, marinheiro descobridor do mundo... eu sonhei e no sonho recuperei os infinitos perdidos dos meus horizontes.»

In: «Discurso alucinado sobre a existência de mim»,

exercício poético 4.

Mas é também com «O olhar no mar» e na fusão da paisagem da orla do mar que se dá para o sujeito – poético o encontro original, o mergulho genesíaco nas origens. O mar, de onde todos viemos, o «líqui-

do uterino» de todo o ilhéu, é onde finalmente o ser (poeta) busca-se a si mesmo e se encontra com os outros e com os lugares. «Como este sono embalado pelo mar que me enche os sonhos de abraços líquidos e salgados. O terraço, o fantástico luar, a esteira ao canto da sala, e tu e eu...»

In: Mar e Morte, exercício poético 10.

Paralelamente, a chuva como elemento equilibrador funciona ao nível da poética de V. Duarte como um espaço de convergência pacífica que só a inocência da infância pode fruí-la em pleno:

«Maravilha-me a chuva/sinto-me menina traquinas que-não-pode-parar-no-lugar-que-lhe-foi destinado / vagueio longe, a chuva molhando-me os cabelos, os olhos iluminados e um sorriso no interior de mim / contendo-me mas deliro/... e procuro-te.

.....
para te confidenciar que a chuva veio afinal/que caiu e molhou tudo/o milho, os campos, meus pensamentos e meus sonhos/vivificou-me.»

In: Momento VII (confidência)

Esta harmonia e esta paz que só a chuva proporciona ao sujeito – poético é mais tarde e adultamente reiterada em «Setembro.»

.....
«Num Setembro de chuvas abundantes
a água varreu o lamaçal
limpou os corpos caídos
levou dejectos e tudo
e apenas deixou
— redimidos —
os homens, a terra
e o futuro.»

Finalmente é sob a condicionante chuva que os homens do Ar-

quipélago se reconciliarão e entoarão de forma uníssona a *hossana* adiada. Tal epifania é afluída no poema «Ai se um dia».

Ai se em Outubro chovesse
a terra molhasse
o milho crescesse
e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse
a fome acabasse
o homem sorrisse
e a terra molhasse

Ai se o homem sorrisse
a terra molhasse
a fome acabasse
e a chuva caísse

.....
Em relação ao futuro, é através do tempo que ele melhor se posiciona nos poemas de V. Duarte. Assiste-se, desta forma, à imagem contínua da negatividade do tempo passado, um olhar disfórico sobre esse tempo, versus a euforia em relação ao tempo futuro, à juventude de promessas do futuro, simbolizadas no «amanhã», «manhã» e «madrugada» anunciadores de um tempo de redenção.

Há quase que uma presença obsessiva do tempo vindouro em, vários poemas presentes nos Cadernos poéticos:

«Do crepúsculo de hoje/e da madrugada de amanhã» ou «sonho – presente/do futuro-realidade» ou ainda «e nosso é o amanhã».

Em Momento XV (canção final), V. Duarte alega-nos por a temática poética cabo-verdiana não ter, necessariamente, de ser aborrecida e miserabilista. Poderá fornecer poemas que se fruam não só literariamente pela forma, como também pelo conteúdo. Deste ensaio damo-nos conta nos versos seguintes:

Mas vem-me. Oh! Vem-me
visão multicolor
irreal ausência
dor total
suprema Loucura

Deixa que meu corpo
bailarina
descrevendo solta
por entre luzes
versos cósmicos
de poetas amantes
columbina
de sina adversa
e sorte inconstante
perdida em risos
no meio da multidão
se deposite
(brandamente)
em teu colo
e,
em sonhos
e,
em morte
— liquidamente —
se vá

Coem-se desses versos a deliciosa sensação alada e bela, pela conjugação do ritmo, do movimento, das metáforas e das síncopes; da dança das palavras a configurar aquilo que para J. Luís Borges é caro: «Toda a Arte conduz à música.»

3. Caderno IV

É a voz e a vez da poesia «guerrilheira»; dos cânticos à liberdade versus opressão; da gesta independentista que aqui intertextualizam os versos de Vera Duarte e constituem a sua tributação à poesia gregária que habitou a generalidade da geração imediatamente anterior dos poetas do Arquipélago. Aqueles que entoaram a voz da «revolução». O início do Caderno IV encarrega-se de nela nos situar de forma espacial e temporal:

«De quando se soltaram as amarras/e a revolução voou livre.»

Torna-se interessante notar que V. Duarte, ainda que em pleno épico arquipelágico, é capaz de sublinhar, separando o circunstancialmente histórico do eternamente quotidiano, com projecção para este último, porque é o que culturiza, particulariza e permanece como marca da comunidade humana que habita estas ilhas sahelianas. A heroicidade no quotidiano, na luta pela sobrevivência. E assim é, quando ela nos declara vocativamente:

Mártires!

Mártires!

Nenhum dos vossos nomes ficará na História
e os homens futuros
Não saberão cada um dos vossos feitos.
Mas isso que importa?

.....
Tudo o que hoje temos
É duplamente valioso
Somos os filhos dilectos
de um povo herói do quotidiano.

O último verso: «De um povo herói do quotidiano», a sacralizar a diégese poética mais abrangente, mais anónima, mais relativa e finalmente mais verosímil.

Caro leitor, é através desta linguagem e estética, alusiva e pluris significativa, que envolve de mistérios, de intimidade e de estranheza, os seres, as coisas e, sobretudo, o poeta, e que depois os transpõe — quase que genesiacamente — para a percepção do leitor, que V. Duarte canta diversamente, a Beleza e a Morte, as infâncias coloridas, o amigo, o mar, a chuva e a seca numa «Viagem imaginada ao interior do meu país, dos Homens e da Vida».

Praia, Abril de 1992

ONDINA FERREIRA

VERA DUARTE

*Duarte: Vera Poesia Multifacetada no Espelho Cabo-Verdiano**

por *Maria do Carmo Sepúlveda*
(Mestre em Letras e doutoranda da UFF)

* Texto publicado em *África & Brasil: Letras em Laços*; Ed. Atlântica 2000

Falar da mulher ou da figura feminina, onde quer que ela resplandeça, é de alguma forma falar de mim mesma, do meu desejo do meu inconsciente, pois o texto sempre fala do seu autor.

Ruth Silviano Brandão

Desafio primeiro lançado à face de quem deseja conhecer o mistério de suas origens: aventurar-se mar adentro para, desfazendo o caminho trilhado para cá há tanto tempo, penetrar nas densas e misteriosas florestas da África ainda tão desconhecida por nós. Caminhar alguns passos com esse povo irmão, sondar-lhe os desejos, conhecer seus conflitos, viver com ele as injustiças da desigualdade e festejar com alegria a conquista de sua liberdade. Escutar sua voz e reconhecer nela o timbre de uma angústia que também é nossa. Desafio irrecusável, promessa de reconhecimento. Encontro.

Assim, pelas mãos sedutoras da literatura africana, chegamos a Cabo Verde. Nessas ilhas, ingressamos pela janela do passado: presenciamos a opressão do colonizador, ouvimos os lamentos dos injustiçados e nos curvamos envergonhados. Acompanhamos os primeiros gritos de revolta daquele povo e o desabrochar do seu desejo de liberdade. Testemunhamos a coragem que se espalhou como chama contagiante pela ilha e vimos, radiantes, a erva teimosa da esperança, que - mesmo sem chuva - enraizou no solo árido. Muitas vozes teceram a partitura-composição do nosso amor nascente por Cabo Verde, porém, uma se fez mais clara, nos seduziu pela sua singularidade, nos conquistou pela força que de si emana. É com ela que pretendemos dialogar na tecedura deste texto, é nela, especialmente, que pretendemos fixar o olhar para refletir nosso encantamento.

Essa voz - tão poética quanto rica de variações - é uma voz feminina que exhibe em sua multiplicidade várias paisagens da ilha sempre miste-

riosa que é o ser humano. Por isso, conhecer Vera Duarte é descobrir a vera-poesia em suas múltiplas faces: guerrilheira corajosa, mulher apaixonada, feminista combatente, socióloga convicta. Tentamos desvelar um pouco dessa pluralidade e nos interrogamos perplexas: quem é essa mulher tão forte, tão frágil, tão humana, tão poesia?

Em entrevista concedida à professora Simone Caputo Gomes, em novembro de 94, Vera assim se define: "Sou um poeta do mar, o mar é uma paisagem que nunca frustra. É sempre belo, é sempre profundo, é sempre azul, é sempre redentor". Nessa entrevista, fala ainda de sua atuação em Cabo Verde e deixa transparecer as preocupações de sua vida. Tendo estudado Direito em Portugal num período de mudanças marcantes (tanto para a sociedade em geral, quanto, em especial, para a posição da mulher no mundo moderno), envolveu-se na luta pela emancipação feminina e aprofundou seu interesse pelos direitos humanos. Sua poesia traz nítidas as marcas de uma bem definida posição política, além de deixar emergir o forte erotismo que caracteriza sua grande sensibilidade. Vera se coloca como poeta que interpreta os sentimentos e desejos de seu tempo e de seu espaço, sua obra é o extravasamento em forma de poesia do "sentir" que capta nas pessoas que a rodeiam. Assim, sua voz expressa o desejo de falar não só de suas companheiras, mas de seu povo, pois, com sua escrita, ela ultrapassa o mundo feminino e alcança o universo do humano em sua essência ilimitada, reafirmando que "o feminino, embora se defina como não-masculino, nem sempre consiste numa oposição ao masculino" (CASTELO BRANCO, 1991, p. 26). Por isso, o que se desvela para o leitor é a construção do discurso feminino - essência e marca de seu desejo - pela própria mulher e não o transbordamento do masculino travestido de feminilidade, não a mulher se colocando como portadora de seu discurso e refletindo nele o simulacro ideológico do outro. Em vez disso, Vera Duarte corta os laços, rompe as amarras do domínio masculino e afirma-se como representante legítima de uma voz que ultrapassa os limites do sexo.

A riqueza transparente na escritura de Vera Duarte resulta da combinação das várias vertentes que a compõem e das variadas paisagens onde se originam. É o contexto que gera / gesta seu texto e ele não se limita pelas salgadas águas que circundam sua ilha e sua cabo-verdianidade. Ao contrário, estende-se aos fios que sustentam sua trama, às cores que o matizam, ao espírito que o vivifica, à forma que assume, à força que dele transborda, à luminosidade que dele emana e, até mesmo, aos olhos que o receptam, às mãos que o aparam em seu nascedouro, às vestes que o envolvem e ao caminho que trilhará: seu eco no espaço, sua verdade comunicativa. É por tudo isso que, falando de Vera Duarte, podemos repetir com Assia Djebar: "Escrever não cala a voz, mas a desperta" (apud. SOARES, 1992, p. 196). Só assim justifica-se a pluralidade de vozes que se entrecruzam na escritura / poesia sobre a qual ora nos debruçamos e que, por ecoar tão forte em nosso ser, funde-se já com o nosso próprio texto.

Chuva: um desejo sustentado em ausência

A espera de todos os dias, a esperança de uma vida inteira: chuva. A angústia sutil de desejá-la mais que tudo e a dor física de se sentir impotente em face de um objeto que se nega e que só se faz presente como desejo não concretizado que dói na alma. Decodificar na linha do horizonte ou na cor do poente a reiterada recusa. Traduzir cotidianamente sua falta e o seu significado ambivalente de bem-aventurança e tragédia, sentir sua proximidade para, em seguida, pressentir sua fuga, desejar ardentemente sua presença, mas temer sua chegada, essa é a vida do cabo-verdiano.

A chuva que vivifica os seres e o solo, quando mansamente se entrega para mitigar a sede que os aniquila, é a mesma que arrasa, devasta, destrói quando furiosamente se abate sobre os que a invocam com tanto amor e medo.

Desses contraditórios sentimentos brota o canto do poeta:

Ai se um dia ...

Ai se em outubro chovesse
A terra molhasse
O milho crescesse
e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse
a fome acabasse
o homem sorrisse
e a terra molhasse

Ai se o homem sorrisse
a terra molhasse
a fome acabasse
e a chuva caísse

Ai se um dia...

Acordemos camaradas
As chuvas de outubro não existem!
O que existe
É o suor cansado
Dos homens que querem

O que existe
É a busca constante
Do pão que abundante virá

Homens mulheres crianças
Na pátria livre libertada
Plantando mil milharais
Serão a chuva caindo
Na nossa terra explorada.

(DUARTE, 1993, p.99)

“Ai se um dia” expressa desejo, conscientização e luta. Na primeira parte do poema (três primeiras estrofes), temos a manifestação do desejo da chuva como símbolo de alimento / vida / alegria. Os mesmos versos se alternam nessas estrofes como as idéias na fala diária dos cabo-verdianos: ai se chovesse, ai se molhasse, se o milho

crescesse, se a fome acabasse, se o homem sorrisse. É a repetição alienante, o desejo - sonho que adormece as consciências, a dependência total em relação à chuva. Os verbos no imperfeito do subjuntivo expressam muito bem as hipóteses em torno das quais os homens cirandam suas esperanças. O corte brusco no verso que divide as duas partes do poema traduz com perfeição a mudança no ritmo dos acontecimentos. Porém, é preciso superar a dependência e construir o futuro. Urge acordar e trabalhar com a realidade dolorosa que “as chuvas de outubro não existem”. A segunda parte é introduzida por um imperativo reforçado por sua carga semântica (“acordemos”) e, então, as ações são colocadas no presente e no futuro, o que desencadeia uma força nova no poema: a certeza “do pão que abundante virá”, porque os homens são capazes de buscá-lo com seu próprio suor. Só através da participação coletiva - “homens mulheres crianças” - o sonho pode concretizar-se. A autora intensifica a idéia de coesão, ao optar pela enumeração dos signos sem nenhum sinal de pontuação a separá-los e enfatiza a necessidade de reunir na luta pela “pátria livre libertada” todo o povo sem discriminação de sexo ou idade, pois só assim a ausência da chuva poderá ser superada. A força humana, reunida pelo ideal da libertação, é capaz de vencer qualquer adversário, até mesmo a natureza impiedosa. Mais forte que a chuva devastadora ou que sua ausência é o poder de sobrevivência do povo reunido. Mais significativo que sonhar com uma amante que se nega é construir com o poder da luta um futuro de verdadeiras conquistas.

No poema “Chuva”, Vera Duarte retrata o sentimento de frustração que resulta da inútil espera pela chuva. Dá-se a aliança do humano com a natureza e com a poesia para invocar sua presença.

Vozes pedindo chuva ...
tuas rochas pedindo chuva ... / terra à espera de chuva
poemas de chuva caindo (p.78).

Mas, mesmo diante de tantos apelos, ela se recusa. Nem as dores

que se avolumam, o chão que se queima, a angústia dos que a esperam, conseguem trazê-la para “transformar em alegria / a longa angustiada espera.” Então, o poeta busca a presença da mãe e pede uma história. Só lhe resta refugiar-se na memória feliz “do ano das boas às águas”.

Como vimos, a chuva em *Amanhã amadrigada* consolida-se como um desejo não-realizado que se sustenta no texto pela marca da ausência. Mas, então, em que se fundamenta esse desejo, qual é a força que o move? Leiamos o poema “Setembro”(p.67):

Carregámos às nossas costas
o saco pesado da revolta
cheio de mil *sampés*, punhais afiados e ódio acumulados.
Peregrinámos terralonginquamente
com os pés comidos e sangrantes
e a cabeça gritando maldições
de tanto sofrimento humano
Mil revoltas explodiram em nós
calados ao som de tiros e sangue
... e as grilhetas nos estrangularam
Mas um dia a dor acabou-se.
Num setembro de chuvas abundantes
a água varreu o lamaçal
limpou os corpos caídos
levou dejectos e tudo
e apenas deixou
- redimidos -
os homens, a terra
e o futuro.

Neste poema, Vera expõe a ferida ainda viva da dor dos cabo-verdianos: o peso da revolta, a agressividade, o ódio gerado pelo sofrimento, a imposição do silêncio, o desespero desses seres lúcidos das injustiças de que são vítimas, mas “Calados ao som de tiros e sangue”. Mais uma vez o poeta usa o recurso de destacar um verso no corpo do poema para ressaltar a sua mensagem - “Mas um

dia a dor acabou-se” - e remarcar os dois espaços diversos em que se constrói o texto. No primeiro, sobressai o luto, o fardo pesado da opressão, o sofrimento humano que culmina com o verso “... e as grilhetas nos estrangularam”, marcando a impotência - perda da voz e da vida do homem sem liberdade. Na segunda parte, a autora descreve a chegada da chuva, que, desta vez, se dá com a prodigalidade de uma amante amorosa que se entrega com doçura. Nesse raro momento de presença, ela é vista como elemento de purificação, bálsamo para todas as dores, antídoto contra toda desgraça, que, apagando o sofrimento, reina soberana e redime “os homens, a terra / e o futuro”. É essa magnificência - ainda que breve - que a sustenta como objeto de desejo e é deste que nascem os tênues fios que tecem os sonhos - alimento da alma cabo-verdiana. Os corpos suados e maltratados pelo trabalho árduo constroem ao sol escaldante uma realidade menos opressora, uma paisagem menos árida, mas é o desejo que lateja fundo nos corações que faz com que a chuva caia, silenciosamente, em todas as manhãs amadrigadas da ilha.

Entre a força sedutora de Eros e o doce apelo de Thanatos

Falar da poesia de Vera Duarte é desvelar um perfil bem definido da escrita feminina, uma face iluminada e bem delineada num espaço conquistado com a coragem que já se inscreve em seu próprio nome - Vera Valentina - e com a sensibilidade que lhe permite expressar os anseios e sonhos captados no mundo de seu tempo. Vera apropriou-se de seu espaço simbólico ficcional a partir de conquistas concretas em seu espaço físico. Demarcados seus limites de poeta atuante, ela projetou-se no espaço ilimitado da universalidade. Daí a importância de analisar sua poesia, não só como discurso feminino ou cabo-verdiano, mas como linguagem portadora de uma poética universal.

Sua escritura é a representação legítima da ruptura com as regras estabelecidas que demarcam fronteiras entre prosa e poesia. Vera

poetisa o texto sem se preocupar com sua estrutura física - estende suas palavras sobre a folha em branco, atenta para a beleza que delas irradia e "descuidada" com o desenho por elas formado.

Seduzida pelas artimanhas que o fazer literário possibilita, entrega-se apaixonada à magia de Eros e navega com ele os mares da insensatez. Oscilando entre a claridade do dia e o negrume da noite, penetra sutilmente (n)a morada de Thanatos, em seus domínios mais secretos para se aconchegar em seus braços. Nesse jogo de sedução, funda a erotização de seu texto: confronto de vida e morte ou espelho de sofrimento e alegria.

Vera, garimpando nas camadas da psique individual os seixos encobertos e resguardados desde a infância, retira-lhes os limos-excessos para expô-los à luz por meio da universalidade poética: a escrita do inconsciente, os labirintos do sonho, a metáfora do desejo faíscam na composição de seu discurso poético, ora iluminando seu significado, ora ofuscando suas mais ocultas nuances. Nesse sentido, a ela podem-se aplicar as palavras de Julia Kristeva: "Em lugar da morte, e para não morrer da morte do outro, eu produzo - ou pelo menos penso fazê-lo um artifício, em ideal, um "além" que minha psique produz para se colocar fora dela: êxtase. Belo por poder substituir todos os valores psíquicos perecíveis" (KRISTEVA, 1989, p. 96).

Vejamos este texto de *Amanhã Amadrugada*:

"Momento I
(de um jardim inexistente)
porque eu te encontrei
e tu foste o fulgor
meu sangue correu lesto
minha razão se ensombrou."

Seguindo o fio dos dias que vãmente se escoaram, contarei a história dolorosa, de travessia imaginária, cumprida ao som de vozes e emoções, na mais obsessiva solidão que um outubro comportou. Encontrávamo-nos quase no dobrar do derradeiro século do milê-

nio mil, tão rico, injusto e mal vivido, e a quentura do dia fizera da noite um oásis glorioso.

Suaves companhias enchiam os ares de palavras ternas e acordes harmoniosos faziam estremecer os ramos das árvores que generosamente nos cercavam. Discretamente Baco passeava por entre os presentes oferecendo taças de líquido âmbar.

Subitamente, ansiadamente, encontrei-me a seu lado.

O calor das suas mãos nas minhas, inverosimilmente próximas, ofuscou-me. A cabeça perdida em pensamentos distantes descaiu ligeiramente sobre o bouquet de flores silvestres que se oferecia em acres odores. Em louco percurso fenomenológico, ultrapassado o decênio mutilado, revivo-te a meu lado.

a secretária
a rua
o sol e a bruma
desenham-se em trajecto alucinado
e a tua ausente proximidade me enlouquece
... quem nos cerca?

Anelante permaneço sentada à sombra de árvore frondosa em jardim inexistente enquanto a história se desdobra em minhas mãos (DUARTE, 1993, p.27).

O artifício do fingir poético é exposto ao leitor logo no início do texto, onde sua função é explicitada: realizar a travessia imaginária. Entre o real e o sonho, a ficção - ponte para o espaço mágico, do possível, do paraíso, da plenitude onde tudo se realiza. Em contraposição à realidade caracterizada pelo "injusto e mal vivido", o "oásis glorioso". De seu "jardim inexistente", Vera convida o leitor a conhecer sua poética e a compreender o significado da solidão. O espaço é descrito como um jardim de delícias: suaves companhias, palavras ternas, acordes harmoniosos, árvores generosas. A cumplicidade da natureza e a presença de Baco, que "passeava por entre os presentes oferecendo

taças de líquido âmbar”, constituem a paisagem onde se dá o encontro. Esse reino de prazer - metáfora do Éden - é o sítio mais-que-perfeito para a “ansiada” fusão com o ser amado e o perfume inebriante das flores, mais uma dádiva de Dionísio em sua força sedutora. Porém, nesse espelho de perfeita harmonia é introduzido um elemento fragmentador que indicia a ruptura do encontro amoroso: “... e a tua ausente proximidade me enlouquece ...” A sombra de Thanatos se insinua no universo erótico; é a solidão que se reafirma real. A travessia para o sonho se rompe e, ao final, quem fala é o poeta solitário em seu jardim interior - inexistente fora do mundo imaginário da ficção - “na mais obsessiva solidão que um outubro comportou”.

Constatamos neste poema de Vera Duarte a dialética de um discurso erótico marcado pelo prazer da busca e do encontro com o ser amoroso, mas, ao mesmo tempo, perpassado pela mágoa da descontinuidade e da ausência. Em sua escrita, ela atesta ser possível, em alguns momentos, viver a ilusão do encontro com a outra metade - nossa completude -, mas a fusão amorosa se rompe e a ilusão de continuidade se esfacela provocando dor e luto. Nesse permanente confronto, Eros e Thanatos se atraem magneticamente, pois “o estado amoroso e a melancolia têm uma ligação profunda: um é o tema corolário do outro.” (KRISTEVA, 1989, p. 146). Todavia, do sentimento de perda, condenação à morte, nasce, na poesia, a beleza. Transcender a dor, superar a separação através da palavra é revelar o belo e resgatar o prazer. Em *Momento IV* (faits divers), Vera assim se expressa:

A emoção condensada transforma-se em poesia, a dor da ausência motiva-me longas cartas. As metamorfoses impõem-se como única saída quando absolutamente nada existe. Surpreendo-me a cada instante louca, e transbordante, contigo a meu lado. O irreal possui-me.guardo com dor ansiada essa noite de harmonias distantes em que finalmente meus olhos encontrarão os teus. Ou essa madrugada ou manhã clara. Ela será o instante, a vida, a morte e o suicídio. O sonho longamente sonhado. Queria-a já vivida e dominada. Mas dá-me vida a espera. Dá-me vida saber que um dia viverei. Por ti e em ti. Então sim existirei. Serei essencialmente eu e não

essa aparência perfeita que parece viver intensamente e afinal só aguarda o momento de existir (p.32, GRIFOS MEUS).

A busca incessante do outro, da imagem-ser impossível de capturar, traduz-se em angústia e solidão em relação à não-realização do seu aprisionamento, mas concretiza-se como libertação no ato da escrita. O texto torna-se, então, o próprio espaço do êxtase, o prazer verdadeiro do ser: “A emoção condensada transforma-se em poesia, a dor da ausência motiva-me longas cartas” ... “Surpreendo-me a cada instante, louca e transbordante, contigo a meu lado. O irreal possui-me...” “Dá-me vida a espera.” Na poética de Vera Duarte, o texto é lugar de confluência, é o momento da plenitude. Nele, o encontro se dá fundindo contrários ou harmonizando similitudes. Em seu tecido simbólico, sorvemos as delícias do “líquido âmbar” oferecido por Baco ou amargamos a dor da separação e da morte quando o olhar de Thanatos nos atinge a alma.

O real e o sonho se entrelaçam no jardim inexistente de *Amanhã Amadrugada*. O delírio, o êxtase, a dor, o sofrimento contracenam nesse baile à fantasia que é uma festa para os amantes da arte, mas entre luzes e cores, lágrimas e risos, o grande convidado, o homenageado de honra é, inegavelmente, o amor:

Quis dizer-te com palavras novas e sorrisos luminosos que te amava e contemplar encostada a ti o espetáculo majestoso do sol poente sobre o mar.

Mas a fissura que abriste em meu peito não cessou de se aprofundar. Qual mariposa desventurada adejo à volta da dor tornada minha companheira constante. Espero-te e não vens. Vens e não me encontras. O acaso encurta os nossos curtos encontros. A multidão cerca-nos. Pergunto-me que fazer. Dilacero-me. Resisto ... (p. 59).

E, como acabamos de ver, a resistência se dá pela escrita. Nela, o poeta reúne os signos-símbolos de sua fragmentação e inventa beleza: poesia-cântico que nos atrai o olhar e nos convida a abrir o coração para os mistérios da fantasia e do real que se entrelaçam no texto.

Pela mais bela madrugada, uma aliança com Marte

Até que um dia
farta já dos vôos rasantes
que planam sem ousar
me arme de um hino revolucionário
e parta ...
em direção a uma madrugada diferente.
(p.91)

Vera, como poeta que reflete o tempo e o espaço que ocupa, como mulher militante que se envolve cotidianamente com os problemas de sua terra e de sua gente, não seria capaz de ocultar em *Amanhã amadrugada* essa sua face guerrilheira. Sua aguda consciência de cidadã cabo-verdiana não lhe permitiria ignorar as contradições e desigualdades da sociedade de seu tempo, o sofrimento e as humilhações de seus irmãos. Ao fixar nosso olhar nesse seu rosto combativo, não podemos nos furtar a revelar, um pouco que seja, da sua escritura de cunho social e político. Em sua coluna "Quotidianamente meu país", a camarada Vera Duarte (como é chamada em Cabo Verde) tem a oportunidade de acercar-se mais objetivamente da gente de sua terra, discutindo os problemas que a afligem de perto. Tomando partido dos desprivilegiados, ela se expressa com eloqüência, tentando reverter situações injustas. Por não nos podermos alongar em muitos detalhes (já que estamos apenas abrindo parênteses no estudo que elegemos), citaremos alguns exemplos de fundamental importância para mostrar um pouco desse seu lado de cronista. Numa matéria intitulada "E as crianças sem jardim?", ela chama a atenção para o valor dos jardins de infância, que, implantados hoje em Cabo Verde, abrem às crianças que os freqüentam a perspectiva de um futuro promissor. Duarte se preocupa, todavia, com os tantos jovens de hoje que não tiveram a mesma oportunidade, denunciando a difícil situação em que se encontram:

Por outro lado um grupo precioso, definido, de jovens marginais, de jovens que não tiveram pai ou mãe ou cuja presença mal sentiram, de jovens que passaram fome e dormiram ao frio e se viram votados ao maior abandono, jovens que tentam compensar a negatividade da situação em que vivem com actos ou formas de viver igualmente negativas; mendicância, vadiagem, prostituição, enfim, que se entregam à delinqüência juvenil..

E apela para a solução de tão grave problema: "Carapultá-Ios do círculo infernal que já na sua mais jovem adolescência se desenha é tarefa que deve despertar a melhor atenção e carinho de todos os cidadãos e muito particularmente das autoridades competentes no respeito pela vida e dignidade humanas" (DUARTE, s.d.)

Essa é a voz altissonante da cidadã cabo-verdiana que luta por melhores condições para o seu povo. É a voz que não se limita à poesia e à crônica, mas que, infiltrando-se entre a população, dialoga com os velhos, mulheres e crianças, sempre pronta a ouvir suas queixas e suas alegrias, devolvendo-lhes carinhosamente a admiração e o respeito que a ela dedicam.

Em outra crônica, Vera relata seu encontro com uma mulher que fora, com os filhos, abandonada pelo marido. Com sensibilidade e firmeza, ela encontra coragem para falar-lhe da única solução cabível naquele momento: "Por muito que lhe custe só lhe fica como solução de vida a separação. Completa, total de pessoas, bens e recordações. Separação" (IDEM). Apesar de sentir a dificuldade que isso significava para aquela mulher, ela acreditou na força que existe em cada ser humano para lutar pela conquista da dignidade e pôde constatar mais tarde o valor que tivera sua palavra solidária, o tempo que dispensara àquela desconhecida: "Tempos depois encontrei-a. Diferente. Outra. Mais bonita e com um ar extraordinariamente sereno. Não foi preciso dizer nada. Conseguira. Tinha ganho a batalha da vida" (Ibidem).

Se tentamos sublinhar os profundos traços de humanismo que vincam o perfil dessa escritora é porque acreditamos com ela que

sobre teu fato de guerrilheira
e jazes inerte.

Mas em ti a vida se futurou
e em mil manhãs de luz
ela se multiplicará.

(p. 72)

A idéia de que a luta é imprescindível a cada dia aprofunda-se em sua escrita qual raízes vigorosas em solo propício. A partir do sacrifício-morte de uma combatente “a vida se futurou / e em mil manhãs de luz / ela se multiplicará”. O futuro radioso em oposição ao “vazio da noite” está nas mãos do povo, em seu desejo de liberdade e, sobretudo, em seu poder de potencializar sua resistência. É o que lemos em:

Guerrilheiro

Trazes em ti
o elemento que desequilibra
exigindo transformação

Por ti o sonho se fecundou
e em concreta utopia
os corpos duros e belos

fundiram-se com as trevas
na noite densa do mato.

(p. 97)

Portadores de uma mensagem de infinito alcance, os poemas-canções de Vera Duarte dizem luta, como dizem vida, como dizem amor. É a alquimia da linguagem poética se transmutando em vãos de liberdade que, rompendo as noites da dominação, inauguram um tempo sem mordanças e sem amarras. São canções - irmãs das do poeta Silvio Rodriguez:

*Te doy una canción y hago un discurso
sobre mi derecho a hablar*

*Te doy una canción con mis dos manos,
con las mismas de matar.*

*Te doy una canción y digo Patria
y sigo hablando para ti*

*Te doy una canción como un disparo,
como un libro, una palabra, una guerrilla:
como doy el amor.*

(In CAUSAS e NOGUERAS, 1987, p. 117)

São canções que, de tão universais, não são mais de Vera ou de Silvio, mas de todos que se armam de um hino revolucionário e partem “em direção a uma madrugada diferente”.

No espelho do mar, a simbologia da redenção

Assim se expressa Vera Duarte: “Posso sempre, quando estou angustiada pela dor, pousar meus olhos no mar e deixar ir.” (Duarte, entrevista concedida à Professora Simone Gomes em novembro de 94).

Se a chuva se apresenta como amante caprichosa que brinca com a dor dos que a idolatram e despreza com crueldade seus apelos mais fervorosos, o mar, na paisagem caboverdiana, “é o único elemento capaz de dar uma satisfação permanente” (Idem)

É Vera Duarte quem afirma e continua: “a ausência da chuva dá a paisagem um tom agreste que acaba por atingir as pessoas, mas o mar, nesta natureza demasiadamente seca e estéril, é sempre redentor” (Idem). Se, por um lado, ele se constitui limite, por outro, sabemos que em suas águas navegam a ousadia e o sonho dos que não se deixam aprisionar. Dele nasce não só a beleza que alimenta o espírito, mas o trabalho que gera alimento para o corpo faminto. O mar, em *Amanhã Amadrugada*, presentifica-se como parceiro da vida, da fantasia que faz brotar o canto e do amor que - dor ou alegria - é sempre êxtase. Mas também é espectador e até mesmo partícipe do encontro do ser com a morte.

Vejamos:

Abandono

Não quero mais tornar
ao agreste abandono das praias
onde
em nocturna violência
tua ausência me despedaçou

Meu corpo fundiu-se nas grossas areias
e ao amanhecer
só
meus lábios tinham o estranho sabor das algas.

Meu corpo estátua quente
incrustado nas rochas negras
foi invadido pelos bichos
e sepultado no frio salgado das ondas

Meu corpo
de um só amor bebido pelas águas
desapareceu líquido no mar.

(p.75)

A ausência do ser amado, a violência dessa ausência rompe a integridade do ser, fragmentando-o. Porém, despedaçado, "fundiu-se nas grossas areias". O poema vai, gradativamente, revelando os diferentes níveis em que se concretiza a fusão do humano com a natureza: é o corpo que se funde com as areias, que se incrusta nas rochas, para, finalmente, ser "bebido pelas águas". Essa identificação com o mar supera todas as diferenças quando, transubstanciando-se, o corpo torna-se líquido. Neste poema, o mar, após receber o corpo que com ele se funde, sepulta-o "no frio salgado das ondas". É uma forma de reintegração, "abandono" a uma força grandiosa e redentora.

Em "Mar e Morte" (p. 61), presenciemos o desnudamento da mulher em suas múltiplas faces e essa revelação se faz pela mágica presença do mar. É ele que ambienta o encontro. É dele que surge o encantamento. O texto, que se inicia com uma interrogação sobre

dor e ausência, vai mudando de tom e se fecha com a afirmação da "busca de plenitude e vida" e "a legenda sobre sociedades libertárias". É um texto longo e, só por reconhecer a limitação que nos impõe o trabalho aqui proposto, vamos nos furtrar a transcrevê-lo em toda a sua riqueza e preciosidade, mesmo cientes de que recortá-lo será mutilar sua perfeita arquitetura.

Por que não chorar a ausência até que a dor se torne insuportável e o delírio seja a única saída? O êxtase. Como esta claridade brilhante do sol fendendo a neblina e a bruma marítima. Como o marulhar das ondas abraçando os calhaus que povoam a orla costeira. Como este sono embalado pelo mar que me enche os sonhos de abraços líquidos e salgados. O terraço, o fantástico luar, a esteira ao canto da sala, e tu e eu ... Chamas-me Antónia. As lágrimas rolam-me pela face e confundem-se no oceano desta imensa calmaria feita do ar pesado, recendido de incensos marinhos e perfumes estivais. O corpo renasce em cânticos de juventude reencontrada. E chamas-me Teodora ...

Como vimos, é a paisagem marítima que prevalece. A morte - ausência e dor - é completamente banida do texto, à medida que este é invadido pelo poder encantatório do mar: "o marulhar das ondas", o "sono embalado pelo mar", o ar "recendido de incensos marinhos". É o prazer do encontro, como o próprio poeta denomina, êxtase. É o resgate da vida, o reconhecimento da multiplicidade que habita o ser-mulher: Amónia, Teodora, Feliciano, Teresinha, Francisca, Genoveva, não importa, todas são faces resplandecentes de um "corpo que renasce em cânticos de juvenrude reencontrada" e que parte consciente de que é possível "a busca de plenitude e vida".

Concluindo estas breves reflexões sobre a escritura de Vera Duarte, cumpre-nos registrar nosso sentimento de impotência para expressar toda a profundidade e riqueza de seu trabalho poético em tão curto estudo. Este é, porém, um primeiro contato, um ligeiro aperto de mãos, um encontro de olhares. É uma resposta despretensiosa ao apelo de seu texto que nos cativou à primeira leitura.

Assim, aqui, gravamos nosso desejo crescente:

Que floresça o encantamento
que frutifique a palavra
que os horizontes se alarguem

E que - além dos limites do mar e da bruma - o encontro se perpetue em percursos de renovadas alegrias e iluminadas manhãs.

Referências Bibliográficas

- GAZOLLA, Ana Lucia Almeida (org.) *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa. UFMG, 1990.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L & PM, 1987. BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CASAUS, Victor; NOGUERAS, Luis Rogelio. Silvio Rodrigues: *Que Levante la mano la guitarra*. 2. Buenos Aires: Libreris y Editorial El Juglar, 1987.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia, SILVIANO BRANDÃO, Ruth. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1989.
- COMMELIN. *Nova Mitologia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, s.d..
- DUARTE, Vera. *Amanhã amadrugada*. Veja: Lisboa, 1993.
- DUARTE, Vera. "Quotidianamente Meu País". In: *Mujer*. Revista da Organização das Mulheres de Cabo Verde. Grafedito. Praia, s.d.
- GOMES, Simone Caputo. O rosto feminino da expansão portuguesa. In: *Actas do Congresso Internacional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- KRISTEVA, Júlia. *Sol negro*. Rio de Janeiro. Rocco, 1989.
- SOARES, Vera Lúcia. "A simbologia do véu no universo feminino do Maghreb" In: *IV Seminário Nacional Mulher e Literatura*. VIANNA, Lucia Helena Vianna (org.) Niterói: Gráfica La Salle, 1991.

*À memória de meu pai
pelo olhar para além
do horizonte que dele
também aprendi*

CADERNO I

*15 momentos de um longo poema
dedicado ao amor*

(1985)

*Porque trago no peito um pássaro fechado,
que não posso matar, que não posso soltar!...*

JORGE BARBOSA

MOMENTO I

(de um jardim inexistente)

*«Porque eu te encontrei
e tu foste o fulgor
meu sangue correu lesto
minha razão se ensombrou»*

Seguindo o fio dos dias que vãmente se escoaram, contarei a história dolorosa, de travessia imaginária, cumprida ao som de vozes e emoções, na mais obsessiva solidão que um Outubro comportou.

Encontrávamo-nos quase no dobrar do derradeiro século do milénio mil, tão rico, injusto e mal vivido, e a quentura do dia fizera da noite um oásis glorioso.

Suaves companhias enchiam os ares de palavras ternas e acordes harmoniosos faziam estremecer os ramos das árvores que generosamente nos cercavam. Discretamente Baco passeava por entre os presentes oferecendo taças de líquido âmbar.

Subitamente, ansiadamente, encontrei-me a seu lado.

O calor das suas mãos nas minhas, inverosimilmente próximas, ofuscou-me. A cabeça perdida em pensamentos distantes descaiu ligeiramente sobre o *bouquet* de flores silvestres que se oferecia em acres odores. Em louco percurso fenomenológico, ultrapassado o decénio mutilado, revivo-te a meu lado

a secretária

a rua

o sol e a bruma

*desenham-se em trajecto alucinado
e a tua ausente proximidade me enlouquece
... quem nos cerca?*

Anelante permaneço sentada à sombra de árvore frondosa em jardim inexistente enquanto a história se desdobra em minhas mãos.

MOMENTO II

(mar e multidão)

Tudo parou. Esqueci-me dos pesadelos acumulados e que no mundo havia guerras, fomes e ódios. Os mitos da adolescência, um a um dolorosamente quebrados, já não me faziam falta. Para além da arte e da política, da minha história amarga e das ideologias, sentia-me eu ser único e igual, liberta de mil medos. Como não sonhar?

Passaste por entre a multidão e eu amei-te. Vi-te desprevenida quando apenas em ti pensava e a paixão se exacerbou. Ias e eu fui-me. Como quando se abandona a nuvem que se compõe no cimo do monte para colher do jardim da cidade a mais linda flor ainda que muito doa o seu espinho. Como no instante evanescente da miragem, as areias nos conduzem, em ondas cálidas, ao mais espantosamente belo dos oceanos, em cujas águas nos afundaremos.

A multidão contudo separou-nos. Perdi-me na distância. A dor lancinante que me atravessou o peito afastou o pesadelo...

Teus braços rodearam meu corpo envolto em mar. O sol quente abrasou-me e acordei sobre a areia húmida da praia deserta tentando agarrar a tua imagem que se esvaía nas ondas...

*Depois da partida
gratamente ficaste por aí
a povoar-me os sonhos
a fecundar sorrisos e lágrimas
a encher páginas clandestinas
de sentimentos por desvendar*

será isto o amor?
esta angústia sem saída?
esta ausência no nada?

MOMENTO III
(buganvílias lilazes)

Como sou louca em declarar o meu amor suicidário. Esse amor que longamente viveu entrincheirado atrás de todas as barreiras, que criou todos os obstáculos e não desprezou qualquer forma de recusa. Não lhe bastou a moral cristã que me foi inculcada nem a moral revolucionária que livremente aceitei. Não lhe bastou vadiar sozinho e solitário atrás das dunas de areia, dos velhos navios, nas noites de vento e pelas achadas escaldantes. Não lhe bastou as metamorfoses em *buganvílias lilazes*, em natureza viva e agreste, os preconceitos, os conselhos. Não lhe bastou mesmo o esquecimento voluntário, o refúgio no inconsciente. Nem os diálogos constantes, a propósito de tudo e de nada que, dando a impressão do real, o banalizariam.

Bruscamente, a contragosto, ele impõe-se como amor louco, como algo subterraneamente incontrolável, para quem as recusas não passam de adiamentos e que permanecerá vivo e totalizador enquanto houver desamparo e solidão.

MOMENTO IV
(*faits-divers*)

Que fazer nesta absurda noite de sábado? Uma vez mais e vãmente farei para ti uma longa e transbordante mensagem, nesta cúmplice folha de papel. Que fazer senão ordenar para ti as palavras que me sangram e os pedaços dispersos da minha alma quando, apesar das notícias que do mundo me revoltam e fazem sofrer, as imagens que me dominam são tuas, te reflectem e me envolvem? Que fazer quando cada página virada, no instante imperceptível em que o espírito voa, te traz para o meu lado e convenço-me — oh! céus — que amanhã serás tu e não mais tu em mim. Que fazer senão dizer-te que o amor louco que me possui, habitou cada partícula do meu ser e que respiro, sonho e vivo por ti e em ti. Que fazer senão escrever longos poemas deste querer incumprido, deste querer por que vivo e que me mata.

A emoção condensada transforma-se em poesia, a dor da ausência motiva-me longas cartas. As metamorfoses impõem-se como única saída quando absolutamente mais nada existe. Surpreendo-me a cada instante, louca e transbordante, contigo a meu lado. O irreal possui-me. Aguardo com dor ansiada essa noite de harmonias distantes em que finalmente meus olhos encontrarão os teus. Ou essa madrugada ou manhã clara. Ela será o instante, a vida, a morte e o suicídio. O sonho longamente sonhado. Queria-a já vivida e dominada. Mas dá-me vida a espera. Dá-me vida saber que um dia viverei. Por ti e em ti. Então sim existirei. Serei essencialmente eu e não essa aparência perfeita que parece viver intensamente e afinal só aguarda o momento de existir.

MOMENTO V
(*mensagem*)

Para quê chorar e sofrer

Se — afinal — não sou feliz?

*deito-me sobre esta terra vermelha
subitamente molhada*

é a ti que abraço!

mergulho meu corpo ardente

nas águas deste oceano que é nosso

é por ti que procuro!

percorro as achadas escaldantes

e os vales do meu paul florido

é a ti que eu quero!

Para quê chorar e sofrer?

Revolto-me e da minha revolta solta-se um grito que me dilacera a alma. Sinto-me borboleta a quem recusaram as mais belas flores. Há em mim um pedido de socorro que me tange os nervos e ecoa no cérebro. Há uma dor lancinante que me nasce num âmago desconhecido e se espalha em ondas totalizadoras. Há um recanto perturbado donde dimanam ordens que me fustigam e paralisam.

Por isso grito. Por algo que — irremediavelmente — se perdeu e de que apenas me ficou, injusta e abjecta, a DOR.

MOMENTO VI
(*desabafo*)

*Vai e grita pelas achadas imensas
que a vida se conquista
contra a violência e a morte.*

*Diz
do amor que brota das areias
do mar solitário
do abraço fecundo que nasce
dos confins de nossos seres.*

*Diz tudo
mas não digas que te amei
— e amo —
pois chega-me a morte pela recusa.
Não quero morrer duas vezes!*

MOMENTO VII
(*confidência*)

*maravilha-me a chuva
sinto-me menina traquinas que-não-pode-parar-no-lugar-que-lhe-
deram-para-ocupar
vagueio longe, a chuva molhando-me os cabelos, os olhos ilumina-
dos e um sorriso no interior de mim
contenho-me mas deliro
... e procuro-te
de esquina em esquina, pelas ruas em festa e os bairros enlameados,
por nada. Para te confidenciar que a chuva veio afinal, que caiu e
molhou tudo. O milho, os campos, meus pensamentos e meus so-
nhos, vivificou-me.
... E para te oferecer, em mão cheia, as gotas deste bem que, em pas-
so de mágica, faz esvanecer secas-sahel-e-pesadelos.*

MOMENTO VIII
(*estação das bruxas*)

Persegue-me uma angustiada nostalgia de sons harmoniosos.

Uma morbidez vaga e profunda faz-me sentir etérea, estranhamente fora e no centro dos universos concentracionários das palácios e dos sentidos. Palpitante e febril detenho-me perante os jardins fechados do mundo sem me decidir a habitá-los. Cidadã de um tempo sub-reptício, permanece fundo em mim o desejo nostálgico de clareiras abertas no mato. O sofrimento habita a minha alma e o meu desvario não têm limites.

E assisto, incrédula e impotente, ao espectáculo da paixão exacerbada. Quebra-se a chave antiga do mistério. Fecham-se-me as portas da cidade. Pujantemente solta-se o riso.

Estamos na estação das bruxas.

Vou esconder a noite na madrugada e adormecer num barco de pétalas.

MOMENTO IX
(*mensagem ao próximo milénio que já não tarda*)

De regresso ao lar, já cumprida a insuperável dualidade do meu ser essência aparência, quotidianamente exausta, a minha única vontade é deixar-me cair — inerte — sobre a cama e, sem despir o camuflado que me impõe a minha condição de guerreira...

Perder-me.

Despir-me sim desta loucura que me róe e dói. Afinal a imagem sedutora daqueles que nos circundavam não trouxe genuínas emoções, pureza original, aquilo com que contávamos. E, com o olhar naufragado em desamparo e solidão, continuei carregando a minha paixão, apesar das juras nocturnas de que amanhã a compartilharia.

Despir-me sim do odor camuflado das coisas e do ar que sufocadamente me cerca. Sinto-me perseguida. Sem razão aparente mas perseguida. Ter-me-ei esquecido que a mancha que permanentemente acompanha meus passos é apenas a minha sombra e não um qualquer processo persecutório movido não sei por quem, movido não sei porquê?

É esta paixão que não me deixa friamente analisar, dissecar, asseptizar. Como é do meu gosto. E como é linda esta folha de papel que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito, injusta e sombria, mas, acima de tudo, MULHER.

MOMENTO X

(a vida é um teatro num acto único de desencontro)

meus olhos vagueiam desertos
entre a cigarreira vazia
e o cinzeiro repleto de cinzas
uma música dolente e poderosa
tenta invadir-me...

mas apenas encontra uma couraça indiferente e inerte, presa por um fio à vida. Através de fina corrente nervosa que ainda se agita, oiço a voz cheia perguntar-se «*A quoi sert les mots*» e desamparada oferecer «*j'ai peur quand tu pars*». oiço exactamente, obsessivamente, estas palavras. Não sei se elas foram ditas ou se estão em mim e a música não passa de pura alucinação dos meus sentidos tensos e cansados da longa vigília. Apenas palavras mas para que servem as palavras quando tu não estás? Tenho medo quando não vens. De que me servem então as palavras? Para flutuar, perdida à mercê delas? Para cumplificar este pesado fardo que longamente carrego a sós? Para de forma alucinada me deixar possuir pela música, pelo silêncio, pela calma aparente? Ou apenas para dizer-te e obsessivamente pensar em ti, ti, ti? a vida é um teatro num acto único de desencontro.

MOMENTO XI

(esquisso)

A minha ancestralidade plasmada sobre a baía e o Porto Grande que se abre ao infinito gerou-me. O que eu própria fiz por mim foram pequenos retoques de (dita) cultura. Pergunto-me se a imagem se desfigurou. Ter-se á o meu futuro diluído na memória de um passado que não vivi mas de que para sempre me ficou a nostalgia?

Não me reconheço em mim. Sinto-me carente e à minha volta apertam-se-me os círculos concêntricos de involuntária clausura. Sons estranhos e profundos vindos dos mais interiores de mim e de um tempo remotíssimo continuamente se despedaçam de encontro a uma parede castrante erguida não sei por quem, erguida não sei porquê.

À noitinha, qual feiticeira medrosa, percorro os meus interiores em busca de saídas. Sem cessar perco-me nos meus labirintos. Não encontro respostas para os porquês que me atormentam.

Manhana pela manhana montada em meu cavaleiro doirado, irei pelo mundo fora à procura do sentido da vida.

MOMENTO XII

(século vinte, um dia incerto de um tempo de mágoas)

Como diria o poeta, choro da dor de me saber mulher feita não para amar mas para ser amada. Choro porque sou e amo. E esterizam-se-me as forças. Uma melancolia sem princípio nem fim possui-me e quedo-me impotente.

Um súbito regato de águas claras inundara-me. Dei-me sorrindo. Mas as águas avolumaram-se e senti perder-se a minha alma.

Por isso choro. Por me saber mulher e não poder amar. Contudo amo. E na solidão meus soluços se sucedem em canção desesperada.

Sinto-me escravizada, tiranizada, violentada. E meu ser nascido livre se revolta. Na impotência se mata. Quem depois se acusará?

Por isso quero desvendar os universos proibidos e purificar-me. Penetrar nos bastidores da minha condição humana e lutar contra os preconceitos e a opressão que castram. Desprezar, com ódio acumulado, os fariseus da minha história e voar, na plenitude do meu ser nascido livre, de encontro às aspirações da alma.

MOMENTO XIII

(a lua em teu olhar)

Continuo no *faits-divers* esgotante. O tempo que já abrigo no peito esta dor parece-me incomensurável. Desde a presença fugaz que apenas deixou mornas impressões, a esta habitação constante do meu ser, dos diálogos ao anoitecer, ao amanhecer, ao entardecer...

Hoje a dor já não cabe no meu peito.

Passaste à noite sob a minha janela e surpreendi a lua em teu olhar. Adormeci ao relento e sonhei-nos em barcos de vento, subindo nuvens de azul, com destino a porto nenhum.

MOMENTO XIII a
(oferenda)

... e no fim deste longo *embêtement*

ofereço-te de Liszt os mágicos acordes de poemas sinfónicos — Mazzepa se gostares — ou o suave encantamento de uma sonata de Beethoven — ao luar, se preferires... mas, de meu, ofereço-te os versos de Florbela que me traem

Não és sequer razão do meu viver

Pois que tu és já toda a minha vida.

Ao entardecer, contudo, quando o sol se for esconder detrás das rochas despidas, caminharei solitária pelas achadas onde a vida fervilha, sentindo o fluir da brisa suave que maliciosamente fará esvoaçar a minha saia rodada. Passarei por entre as casuarinas e os ramos secos dos arbustos finamente rasgarão minha pele fazendo nascer imperceptíveis riozinhos de sangue vivaz. Então, encostada a um tarafe ocasional, enquanto ardentemente desejar o brilho dos teus olhos e o suave da tua boca, far-me-ei essa jura adiada de não mais por ti sofrer.

MOMENTO XIV
(deserção)

Decidi-me finalmente desistir. Apetece-me gritar *I give up*.

Não sei o quê mas dou — de bandeja — algo que me é extremamente precioso. Será a felicidade?

Cansei-me das noites insones feitas preparativo. A preparar algo que muitos dias já foram idos desde que me jurei não passar de amanhã.

Perante que tribunal, que juízes, responderei?

Por isso decidi-me finalmente desistir.

Comporei para ti longas canções desesperadas e na reverberação das ondas cada dia colherei a tua imagem.

Rever-te-ei sempre com a fronte agachada em meu colo enquanto mornamente minha mão se deleita na aspereza de teus cabelos. Serão longos extractos de longa paixão que longamente me vem habitando.

*não fora a lenta agonia
do crepúsculo devastado
não fora o prematuro apodrecer
do mais doce fruto da árvore
não fora a nota dissonante
com violência arrancada do violão
fosse tudo
solidão
silêncio
e paz
e eu amar-te-ia
até ao curvar dos dias
até ao extinguir da chama*

MOMENTO XV

(canção final)

*Mas vem-me. Oh! Vem-me
visão multicolor
irreal ausência
dor total
suprema loucura*

*Deixa que meu corpo
bailarina
descrevendo solta
por entre luzes
versos cósmicos
de poetas amantes
columbina
de sina adversa
e sorte inconstante
perdida em risos
no meio da multidão
se deposite
(brandamente)
em teu colo
e,
em sonhos
e,
em morte
— liquidamente —
se vá*

CADERNO II

exercícios poéticos

(1980)

Mallarmé tem razão.

A prosa não existe.

MANUEL ALEGRE

exercício poético I

SOBRE A BELEZA E A MORTE

Estamos todos e prescindimos do voto. A cidade é nossa e está sitiada. O frio inunda a praça pública onde a multidão se amotinou. Dos galhos das árvores pendem cadáveres de olhos ensanguentados e sorriso nos lábios. Observam a euforia crescente e, em sonho premonitório, vejo-me eleita a ocupar a única árvore livre. Em trono fosforescente, cercada de plumas e de homens de dorso marcado, espalho, em ondas cálidas, o vento e o odor marinho que me dão vida. Um lenço de vivas cores envolve meus cabelos fartos e a saia imensamente rodada apenas deixa ver minhas pernas voluptuosas que se abandonam entre rendas coloridas. Meu peito cintila e a beleza brilha em minha face negra. De mim se emana, em sons subterrâneos, uma música celestial que faz assomar a felicidade aos lábios dos mortos e agita os vivos.

Meu Deus! Que mediania é essa que me arrasa os nervos e não me deixa ouvir os sons que me apaixonam?

Da multidão um homem se agiganta e em fúria desmedida decapa a cabeça dos vivos. É a revolta dos mortos a quem se tirou a razão de existência. E com suas línguas roxas e inertes tiram a vida ao homem que se agigantou.

No meio dos mortos fico eu. Viva apenas mas viva a palpitar. Para quem correrá o frémido que me nasce na alma? Em quem minhas veias ardentes matarão a sua sede? Por quem contemplarei meus seios perfeitos?

Desterrada no meio dos vivos-mortos verei consumir-se meu

fogo que nascido de dentro, dentro se extinguirá, matando-me também e — oh, deuses generosos! — permitindo enfim que meus olhos repousem sobre a formosura ímpar dos corpos caídos e inúteis.

exercício poético 2

EXTRACTO DE VIAGEM IMAGINADA
AO INTERIOR DO MEU PAÍS,
DOS HOMENS E DA VIDA

De mãos dadas fomos a Pedra de Lume passear. Vimos deslizar os carros cheios de sal suspensos pelo poder dos homens e vimos homens desapaosados, nus e musculosos carregar o Santa Maria deste bem que agora é nosso (?). Ouviste? Mataram ontem um presidente. O povo saiu à rua e pulou de contentamento. As prisões parece estavam cheias e os cofres vazios. E, parece que algures na Suíça... Diz-se tanta coisa. Mata-se tanta gente. Somos todos mortos: pela guerra e pela fome; pelo amor e pelo ódio; pela violência quotidiana dos *ghettos* e das cidades, dos campos de concentração, das fábricas e da poluição. Ninguém morre de morte natural. Salvo o poeta... em Nicarágua constrói-se? Em Cabo Verde constrói-se? Em Moçambique constrói-se? Que se passa no Ghana? E em São Salvador? Bate-se no Tchad; e mata-se no Chile; mata-se às escondidas no... mas Pedra de Lume é um lugar lindo. Gosto disto, sabes? Dos montes de sal a brilhar ao sol, destes navios corajosos que se lançam no mar das ilhas e de mais além, destes homens que puxam e amarram cordas poderosas e carregam fardos e história. Afligem-me contudo estas notícias do mundo e dos homens, de África tão dolorosamente distante, de não conhecer os pais dos pais dos meus pais. E, no entanto, sei que os Turcos e os Otomanos, que em 1066 a batalha de Hastings, que a Willy Brandt sucedeu, e que Jean Paul Sartre — que me proporciona momentos de êxtase — morreu ontem. Se Cheik Anta Diop tivesse morrido ontem sabê-lo-ia hoje? E

saberei que a Rainha Ginga? E que Gungunhana? Quem precedeu a Menghistu? Pois é, é uma vida mal vivida. Não basta colher flores. E as raízes? Quem as botou na terra que já foi fértil e de novo o será?

exercício poético 3

SOBRE A MORTE

Em decúbito dorsal, sobre a mesa de mármore da morgue, o cadáver apodrece, enquanto aguarda que um sopro de vida venha apagar o efeito nefasto da navalhada dada pelo amigo em momento de exaltação etílica. Entretanto, sobre a minha secretária, do montão de papéis desarrumados, sobressai a carta da mulher que pede se embargue a partida do velho que lhe desflorou a filha de onze anos em troca de uma mão cheia de bolos. Estranhamente as imagens se sobrepõem, se confundem. Os ofícios e a violação. A enorme mancha de sangue (dele, dela, do outro (?)). A imagem em si e por si. A morte (dele, dela, do outro).

Da camisa amarela, de *nylon*, ressaltam as manchas de sujidade. Um cheiro a maresia quase imperceptível escapa ainda do corpo que jaz do infeliz pescador, a misturar-se já com os cheiros da decomposição e me enche o pequeno gabinete. Abro a janela sobre o mar. Tudo é rígido, até os ofícios. O cheiro fétido, a baía, uma tal Inês, o grogue e a família. Num relance a morte. Sete filhos e um por nascer. Sobre a mesa de mármore da morgue o cadáver deixou de apodrecer.

exercício poético 4

DISCURSO ALUCINADO SOBRE A EXISTÊNCIA DE
MIM

Hoje tive sonhos do fundo do mar. Ia a andar pela marginal, a baía coalhada de barcos, do cais novo desprendiam-se recordações de infância feliz e despreocupada. A mã-gatchada e o namoro clandestino atrás dos velhos guindastes de ferro enferrujado e do escuro, eu penetrava no mar, um mar verde e lodento que se me escorregava debaixo dos pés e me causava náuseas, com a água pela cintura e os braços em arco, passava por entre os barcos das minhas viagens de antanho, marinheiro descobridor do mundo e das noites intermináveis no mar alto — gilica, manilica, manel ildut — e aspirava o cheiro fedorento do vômito nos porões, eu amo-te meu amor. Com impulsos violentos de revolta suportada, com silêncios gritantes de paixão não assumida, eu sonhei e no sonho recuperei os infinitos perdidos dos meus horizontes. Os meus olhos mergulharam para além do monte — cara que se recorta nítido no pôr-do-sol faustoso que da minha janela contemplo, sou criança, só me interessa a mã-gatchada e a tua presença aqui amor debaixo da cama, quando a luz se apaga e as nossas brincadeiras se transformam em jogos lúdicos e inocentes, eu sonhei e no sonho se compôs a imagem de perda felicidade. Componente primeira LIBERDADE, e o sonho se desfez em pesadelos, porquê morrer se não sou feliz?

exercício poético 5

A TI

Fechemos as cloacas fétidas da cidade e deixemos inebriarem-se os ares de reacendidos perfumes estivais. E o preço da liberdade. Palmeiras ao sol e longas longas praias de areia molhada a manterem desperto o fervilhar anímico das paixões. A voz da libido. Em toda a sua violência incontrolável.

No entanto sublimar é palavra d'ordem. Sublimar aqui e agora o desejo da presença, da intimidade, do isolamento a dois. Mutilar a alma, sacrificar as paixões em nome das convenções que nos fazem civilização e grandeza.

Sinto em mim, contudo, imperioso e dolente, o desejo da terra molhada, dos corpos belos, o prazer físico da presença desejada, do frémido incontido ao roçar leve da tua mão na minha.

Em nome da cultura e da civilização sacrifico-me. A minha coroa de glória quem ma dará? E pergunto-me dilacerada se será civilização e grandeza ou mesquinhos arremedos que a miopia colectiva endeusou.

Não ousou afrontá-los contudo.

E dentro de mim, censuradas e sedutoras, sucedem-se as imagens proibidas e as sensações interditas.

Sublimar é palavra d'ordem. O amor e a paixão, a libido e o prazer. No altar dos valores supremos. Sublimar aqui e agora e manter estóica e estupidamente secretos os diálogos que comigo mantenho contigo.

Convenho-me que a vida é feita de ironias.

Queria contudo abraçar-te em meio à multidão, correr ao encontro de ti pelas achadas imensas e juntos nos afogarmos nas ondas deste oceano que é nosso.

Amanhã o dia será de glória.

exercício poético 6

DISCURSO DE DEFESA

Vamos, vamos, vamos, sr. ilustre. Não deixe que o tempo lhe tome todo o tempo disponível. O réu precisa ser defendido. E você ganha com isso. E a justiça. E o país. Não apanhe mais moscas nem desenhe foguetões de ir à lua. A lua vai-se nos states. Aqui vai-se à terra. Assim, à terra sem nada nem verdes porque chuva não há. E um raio de uma desesperança que nos esgota e castra. Não chove, não chove, não chove. Felizmente que da cabeça dos homens saíram ideias sábias e mãos hábeis inverteram o destino das ilhas. As chuvas não vieram mas plantaram-se árvores, rasgaram-se estradas, construíram-se aeroportos. Lamenta-se ainda a sorte, a morte e também a fome de uns, mas as coisas vão melhor. E foguetões escalando a lua, escalando Marte e andando desvairados pelo universo além da ciência, sabem a amargo em países onde se vive à margem, se morre à fome e nada se tem. Nem covas para os entes queridos. Até esses permanecem insepultos à espera do vento. Nem forças, nem verbas para sepulturas. Enquanto em outras terras se arrota ouro e a comida apodrece ao lado de homens gulosamente fartos e à beira do suicídio. Individual e voluntário de uns. Coletivo e necessário de tantos.

Que fazer face à instituição da desordem universal?

exercício poético 7

DISCURSO ANGUSTIADO SOBRE A VIDA

A deusa pousou seus lábios sobre meus ombros. A fé que já não era muita descaiu. De que me valerá a eternidade? Troco-a de bom grado por um pedaço de céu e dez minutos de imersão nas águas doces deste oceano que me inunda os olhos. Voar e deixar em mãos públicas o que me custou o sangue e a alma. As pulseiras doiradas que me pendem dos pulsos magoam-me. Martirizam-me. Não as quero. Porquê usá-las se é também possível a vida sem elas? Ou não será a felicidade a razão da existência? Porque apontarei à força o homem que por séculos jazeu no banco da praça? Não lhe limpei o mijo nem mais. E se a sua alma não resiste? Ficarei eu amarrada aos remorsos e sobressaltada por pesadelos vivos? Poderei ser feliz sozinha?...

Grito pelos montes e vales. Acaricio a terra agreste desta paisagem órfã. Queria saber o segredo do sorriso e descobrir o mistério da felicidade.

exercício poético 8

SOBRE INFÂNCIAS COLORIDAS

Sinto-me volver ao tempo do amor adolescente. O prazer do encontro ocasional, a angustiada espera da visita proibida, a intensa felicidade do instante fugaz, o sorriso que se desenha à grata lembrança dos momentos mais lúdicos.

Quis seguir pelos mesmos caminhos, escalar as penhas d'França e mergulhar nos vales profundos do meu paul florido. Quis dizer-te com palavras novas e sorrisos luminosos que te amava e contemplar encostada a ti o espectáculo majestoso do sol poente sobre o mar.

Mas a fissura que abriste em meu peito não cessou de se aprofundar. Qual mariposa desventurada adejo à volta da dor tornada minha companheira constante. Espero-te e não vens. Vens e não me encontras. O acaso encurta os nossos curtos encontros. A multidão cerca-nos. Pergunto-me que fazer. Dilacero-me. Resisto...

E fico à espera que me venhas ajudar a carregar esta louca sentença de morte prematura.

exercício poético 9

O SONHO

Fui buscar o meu filho. Encontrei o meu marido casado com outra, ao lado da mãe e de outro. Quando cheguei junto a eles, a cor etérea dos olhos do outro, dos óculos do outro, enfeitiçou-me. Uma dança mágica saiu de dentro de mim e o encantamento consumou-se. Ia casar-me com o outro. Disse à mulher de meu marido que havia sido a paixão vivida do homem que me encantara, que nos tínhamos casado de manhã. Com o meu filho nos braços e a ama atrás menti-lhe pelo encantamento que aquele homem em mim provocara. Mas quando eu parti o homem não me acompanhou. E de longe observei a chegada de meu marido ao leito da sua esposa-que-já-não-o-era-mais. A desgraça consumara-se: a mulher do meu antigo marido partira com o meu actual malgrado esposo. Então de longe assisti o meu marido afastar-se do leito onde, sucumbidas porque me amavam e não à outra, a mãe dele e uma mulher de negro tentavam lavar minhas feridas e estancar meu sangue que abundante corria.

E, no quadro da parede, vi afundar-se chorando, num mar informe, o condor que em mim havia.

exercício poético 10

MAR E MORTE

Porque não chorar a ausência até que a dor se torne insuportável e o delírio seja a única saída? O êxtase. Como esta claridade brilhante do sol fendendo a neblina e a bruma marítima. Como o marulhar das ondas abraçando os calhaus que povoam a orla costeira. Como este sono embalado pelo mar que me enche os sonhos de abraços líquidos e salgados. O terraço, o fantástico luar, a esteira ao canto da sala, e tu e eu...

Chamas-me Antónia. As lágrimas rolam-me pela face e confundem-se no oceano desta imensa calma feita do ar pesado, recendido de incensos marinhos e perfumes estivais. O corpo renasce em cânticos de juventude reencontrada. E chamas-me Teodora...

Hoje, do alto do promontório, a casa povoa-se de fantasmas. Teus fantasmas. O mar levemente ondeado, os ramos das árvores batidos pela brisa, a voz cantante das crianças e a multidão que me rodeia, falam-me de ti. Chamas-me e eu oiço-te. Feliciano, a mulher, a vítima. E nas noites de temporal, quando o mar enlouquecido me convida e me obceca, a chuva arranca casas e árvores e, em sonhos premonitórios, vejo-me desaparecer em neblinas brilhantes, é a ti que oiço e sinto e me afaga os cabelos enquanto baixinho murmuras meu nome. Teresinha, Francisca, Genoveva...

Soube então que me amavas, que a ausência era regresso e que momento algum havia sido estéril. Mesmo a solidão e a angustiada espera. Mesmo a grata e insinuante presença dos outros, companheiros como tu na busca de plenitude e vida.

Sobre o ecrã difuso da memória, longamente deslizou a legenda sobre sociedades libertárias.

CADERNO III

**poemas de bloqueio
— e de amor e ausência**

(1975-1980)

Oh, o depois mestiço

Nascido

Do crepúsculo de hoje

E da madrugada de amanhã

BALTAZAR LOPES

SETEMBRO

Carregámos às nossas costas
o saco pesado da revolta
cheio de mil *sampés*, punhais afiados e ódios acumulados.

Peregrinámos terralonginamente
com os pés comidos e sangrantes
e a cabeça gritando maldições
de tanto sofrimento humano

Mil revoltas explodiram em nós
calados ao som de tiros e sangue
... E as grilhetas nos estrangularam

Mas um dia a dor acabou-se.

Num Setembro de chuvas abundantes
a água varreu o lamaçal
limpou os corpos caídos
levou dejectos e tudo
e apenas deixou
- redimidos -
os homens, a terra
e o futuro

AMIGO

Vem amigo
encher de presença o vazio da noite
trazer lembranças de um tempo de luta
de homens

irmãos
guerrilheiros

de homens irmãos
limpando o sangue
ouro brilhante
de amor simples
das terras amizade
de África cativa
num mundo cheio de vazio

Vem amigo...
estarei esperando
atrás da porta
da casa desfeita
preparando as armas
para que a batalha seja breve
e rompa
no céu claro da nossa terra
a mais bela madrugada

CRIANÇA

Canto a luz de uma noite
em fogo de mártires incendiada

Canto a luta vitoriosa
num setembro nascida

Canto a flor que sangra
das entranhas sedentas da Terra

Canto a madrugada
nos lábios roxos da batalha

E canto-te a ti criança
filha do povo
nascida nas ilhas
num tempo novo
de homens redimidos

Criança esperança
trazendo em dádiva
o sorriso confiança
num mundo em construção

DESEJOS

Queria ser um poema lindo
cheirando a terra
com sabor a cana

Queria ver morrer assassinado
um tempo de luto
de homens indignos

Queria desabrochar
— flor rubra —
do chão fecundado da terra
ver raiar a aurora transparente
ser r'bera d'julion
em tempo de são joão
nos anos de fartura d'espiga d'midje

E ser
riso
flor
fragrante
em cânticos na manhã renovada

CORPO

Vai corpo indomável envolto em negro
beber do sangue da terra
o ódio e a morte que te darão vida

Vai firme e indócil
e perde-te nos labirintos escuros
até que nos encontremos de novo

Vai e mata à passagem
os restos fétidos
da sociedade morta

... e que um mundo irmão
limpo e incorrupto
floresça à tua passagem
de sacrifício em flor

MORREU UMA COMBATENTE

Sol poente de domingo
o dia a cambar
e a peste a subir nos ares
a encher
a sufocar

Na cidade ouve-se um grito
— MORREU UMA COMBATENTE

Morta jaz a meus pés a mulher indócil
o corpo em espuma que me inebriou
já não é!

a luz fosforescente
foi apagada por mãos cruéis

Ah, tivera eu exércitos
armados até aos dentes
e lançar-me-ia

touro furibundo
sobre os seus algozes
— desditosa sina de amar a luta

Teus cabelos se espalham
ensanguentados
sobre teu fato de guerrilheira
e jazes inerte

Mas em ti a vida se futurou
e em mil manhãs de luz
ela se multiplicará

MOMENTO

Neste momento em que te amo
um homem em êxtase fala de liberdade
Neste momento em que te amo
na Namíbia e no Zimbabué violam-se acordos
feitos nas capitais dos impérios

Neste momento em que te amo
uma esperança nasce para o mundo
na criança arrancada
à barriga grávida de uma mulher

Neste momento em que te amo
uma guerrilheira ferida poisa a arma
que a terá libertado

Neste momento em que te amo
mil peões tentam trocar o passo ao mundo
Neste momento em que te amo...

eu e tu
sentados na ilha
num banco da praça
olhando o mar
saberemos ser

— amor—

e no nosso abraço
aquecer o mundo

SORTILÉGIO

Queria percorrer longamente
os estranhos corredores interiores
encontrar em cada esquina
multidões em delírio
penetrar no limiar inolvidável
das grandes emoções colectivas
sentir

criar

viver

azul e bela
a amizade na ladeira da vida
abater
com fuzis de raiva
os homens de moral pirata
que não nos deixam amar

Mas sinto-me bloqueada
e quedo-me

à espera

que um vento forte

trazendo o odor do sangue silenciado

e o som de bombas assassinas

Me possa arrancar
deste sortilégio
que me alucina
e mata

ABANDONO

Não quero mais tornar
ao agreste abandono das praias
onde
em nocturna violência
tua ausência me despedaçou

Meu corpo fundiu-se nas grossas areias
e ao amanhecer

só

meus lábios tinham o estranho sabor das algas

Meu corpo

estátua quente

encrustado nas rochas negras

foi invadido pelos bichos

e sepultado no frio salgado das ondas

Meu corpo

de um só amor

bebido pelas águas

desapareceu líquido no mar

TRILOGIA

I

Debaixo da máscara deste Carnaval imenso
senti gritar teu sangue
— incontrolado —
de escravo enfim libertado
Quis então dançar contigo
ao som da música vida
a dança de todos os homens
Nossos corpos se fundiram
unidos num só ideal
nas horas longas da noite
ao som de triunfantes clarins

II

(quis desfazer-me em carícias
e mergulhar em vales líquidos
de amor exaltado)

III

Mas meu corpo permaneceu virgem
minhas mãos fecharam-se vazias
os homens negaram-me a vida
e fiquei...
presa ao que de mim
outros fizeram

DESEJOS-LIBERDADE

Queria

sobre a relva verde dos campos
sentir teu corpo junto ao meu

Queria

nos doces lençóis da areia
ouvir tua voz marinha sussurrante

Queria apertar teus lábios

teus olhos, tuas mãos

E falar de amor

quando tudo em mim grita liberdade

CHUVA

Quero olhar-te com obcecação
até que meus olhos se fartem
da beleza muda
de tuas rochas pedindo chuva
chuva! chuva!
poemas de chuva caindo
vozes pedindo chuva
bocas sedentas
terra à espera de chuva
o chão queimou-se ao sol
as vozes calaram-se
e os poemas esqueceram-na
as dores avolumaram-se
mas a chuva não veio
transformar em alegria
a longa angustiada espera
mamãe!
quero enfim descansar
embala-me em teu regaço
e conta-me aquela história linda
do ano das boas «as-águas»

QUERER

Eu queria agora beijar o meu amor
esse amor furtivo
feito só em pensamentos
enquanto me inunda a luz transparente
do ar molhado da chuva pequenina
Eu queria encostar-me docemente
e com as tuas mãos nas minhas
dar um salto à praia de santa maria
e juntos deitarmo-nos na areia molhada
Eu queria sentir o esquecimento de mim
na fluidez líquida do pensamento em ti
do som em ti
das pulsões de África
agora
que o nosso tempo é de vida
e nada poderá conjurar
a liberdade conquistada

ESPERA

Esperei longamente
mas tu não vieste quebrar com a tua presença
o sortilégio que me alucina

(no cinzeiro o cigarro desfez-se em cinzas
e abalou-me a certeza de nocturnas insónias)

esperei-te

como se espera a chuva
quando a terra já secou
como das celas
se espera o dia da liberdade

ansiei a tua chegada
apenas para nos olharmos...
e ficarmos...

E nos irmos
com o sol poente
em madrugadas coloridas
de mãos dadas
... simplesmente

NO INSTANTE

No instante
romperam-se as grilhetas que me aprisionavam
A luz de teus olhos
fixos no interior de mim
disseram o que tua boca calou
O cigarro longo tempo esquecido
nos dedos ausentes
desfez-se em cinza de acre odor
enchendo os ares
Meus lábios
de súbito em tua boca
abriram
em vendaval alucinado
alamedas soterradas que jaziam fundo em mim.
Quis dizer que te amava
reter para sempre a brevidade do instante
aspirar o perfume das achadas floridas...
Mas as janelas
num repente escancaradas
trouxeram-me um futuro
de manhãs carregadas e frio inverno.
O beijo gelou em meus lábios
minhas mãos em cálice penderam inertes
e pesaram como chumbo
em meu colo
aberto e vazio

SOLIDÃO

Escuta a voz que ressoa
das entranhas do ser
a alma que arranca
 mórbida
a luz que lhe vem do nada

E vagueia...

 pelas relvas molhadas
 dos campos em flor
 pelos homens que amei
 para poisar
 — borboleta ferida —
no eterno amargor
da solidão apenas resgatada

CARÊNCIA

Amar-te loucamente
abrir sobre ti as janelas do meu ser
ser campo aberto e florido
e viver assim
em estranhas madrugadas
à luz dos candeeiros
envolta em luas e neblinas?

antes
êxtase e paixão
mãos vazias
e corpo carente

VĂMENTE

E amei-te...
do altar do impossível
das nuvens que o vento não varreu
o meu amor
nascido nas areias das praias solitárias
minhas mãos
vazias de teu ser
confundiram-se na inutilidade de nossas vidas
ainda em raiz proibidas

DESESPERADAMENTE

Quisera que insónias impiedosas
matassem o imenso amor
que dolorosamente sinto
Quisera que na dor atroz
da solidão desamparada
se afogasse o amor
que estranhamente me possui
Na dor
Na dor
afogar o amor
desesperadamente

PARTIDA

Ao partir

apenas uma dor

apenas uma mágoa a marcar o imenso adeus

Apenas teus olhos em mim

E a recusa física da partida necessária

ADEUS

Gotas de fino orvalho

sulcam meu corpo

inclinado em pudor adolescente

Minhas mãos apertam furtivas

doces esperanças

que nunca serão

... e o adeus amargo

permanece em minha boca

EPÍLOGO

Ao fim
o meu riso brotou calmo
o imenso fogo da paixão consumou-se
e tudo foi lindo
no esplendor da nossa aurora em flor

CADERNO IV

de quando se soltaram as amarras

(1975)

*Até que um dia
farta já dos voos rasantes
que planam sem ousar
me arme de um hino revolucionário
e parta...
em direcção a uma madrugada diferente*

VERA D.

O POVO EM POESIA

A essência das coisas
é a sensibilidade do poeta
a terra fez-me sensível
e penetrei com desespero
no fundo da miséria dos homens

Agora sei tudo
a poesia dos oprimidos
é a beleza grandiosa
do povo empunhando com ódio
as armas que o libertarão

NÃO MAIS!

Não mais estradas percorridas
Em longos caminhos sofridos
De olhos vendados indo
Pela mão de cegos guiados

Não mais vozes gritantes
Em lentas torturas caladas
No silêncio infernal das celas
Porque os olhos se quiseram abrir

Não mais mortes violentas
Irmãos nossos nós próprios
Nos tarrafaís de todas as terras
Por termos ousado saber

As nossas revoltas cresceram
avolumaram-se
formaram uma só

Hoje nossas mãos ternas
e nossos braços calejados
vão libertar-nos das correntes
que não nos deixavam viver
que não nos deixavam amar

NATUREZA HUMANA

Também tu?
A indiferença cobarde
se espalha
amputa...
e mata

Disseste-mo uma vez, lembras-te?

Não,
Não existe mais
o esplendor da natureza humana
na união sem barreiras
dos seres em liberdade

IMPOTÊNCIA

Ah, as memórias confusas da minha infância
Misturando-se com a ideia-obcecação
Dos camaradas que não o são
Mas que vivemos como se fossem
Como fazer para evitar a castração?
Na fogueira
da mente
templo-sol
divinizado
As palavras deixam rastros de sangue
E a impotência nos paralisa
Até quando?
A história não nos servirá de exemplo.

GUERRILHEIRO

Trazes em ti
o elemento que desequilibra
exigindo transformação
Por ti o sonho se fecundou
e em concreta utopia
os corpos duros e belos
fundiram-se com as trevas
na noite densa do mato
Turbilhão de angústia
Paixão grande
Vida a transbordar...
A sociedade não te permitirá assim
E será a luta adiada
sonho-presente
do futuro-realidade

MENSAGEM

Mártires!

Mártires!

Nenhum dos vossos nomes ficará na história

E os homens futuros

Não saberão cada um dos vossos feitos

Mas isso que importa?

De vós ficará a memória colectiva

Dos homens que construíram.

a Pátria nova

Tudo o que hoje temos

É duplamente valioso

Somos filhos dilectos

De um povo herói do quotidiano

AI SE UM DIA..

Ai se em outubro Chovesse

a terra molhasse

o milho crescesse

e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse

a fome acabasse

o homem sorrisse

e a terra molhasse

Ai se o homem sorrisse

a terra molhasse

a fome acabasse

e a chuva caísse

Ai se um dia...

Acordemos camaradas

As chuvas de outubro não existem!

O que existe

É o suor cansado

Dos homens que querem

O que existe

É a busca constante

Do pão que abundante virá

Homens mulheres crianças

Na pátria livre libertada

Plantando mil milharais

Serão a chuva caindo

Na nossa terra explorada

SORTILÉGIO

Venham todos os homens
de todas as florestas
acolher-se em meu leito

Contornem mil vezes
as formas perfeitas
do meu corpo são

Esmaguem a minha carne
sob a tortura-justiça
de vossas mãos sangrantes

Beijem-me
e que vossos beijos puros
arranquem de mim
o sortilégio que me mata

Mas não me amem
que eu só posso amar a um
e a morte anda à espreita
dos que se deram e não foram recebidos

OFERENDA

Tens aqui o corpo que tanto amas
É teu!
Podes amá-lo desesperadamente
E, por ele, desfazer-te em séculos

(ele nada te recusará
e a noite jamais terá fim)

Mas não me peças a alma
E o corpo para amanhã
Pois mil cadáveres juncam a estrada
E não me poderei recusar
Aqueles que sorrindo
Caminharam para a morte
Que abriria o sol ao mundo

ESPERA

Esperei-te longamente
nas horas - desespero
da solidão nocturna
mas tu não vieste
encher com a tua presença
o vazio e o lugar que te aguardavam

as minhas lágrimas
rolaram ardentes
sobre o lençol amargo
da dor não comunicada

Mas a noite permaneceu envolta em silêncio
E um frio sem fim possuiu-me

De madrugada
meus passos incertos
vaguearam cansados
pelos lugares onde floresceu
o nosso amor em dádiva

Eu esperei-te...
mas o amor não pode esperar
para além da solidão

INSÓNIA

Quero sair andar
gritar chorar

Não ouvir mais os cães a latirem na rua
Nem acender uma vez mais o candeeiro

(a madrugada não conseguiu consumir
as forças que me consomem a mim)

Quero sair do absurdo diálogo
comigo

Não estender mais as mãos
para me masoquizar no vazio

Quero dormir
dormir profundamente

Pois o amanhã será de luta
E as forças não se podem eterizar
pelo caminho

COMPANHEIRO

E ao findar
esta injusta caminhada
longa e dolorosa
e da qual nos ficou
 para sempre
uma subterrânea marca de dor...

quero-te debaixo dos frescos lençóis
feitos das ervas dos campos
 que
nossos corpos ardentes
tornarão húmidos de amor

quero-te vindo cansado
ao sol fecundo do meu país
buscando em meus lábios frescos
 descanso
e força para a nova caminhada

quero-te nas tardes tranquilas
quando as trincheiras se calam
e o pensamento
 voa
em sonhos de sahel redimido

e à noite quando o escuro vier
despir-me-ei de tudo menos de ti
abraçar-te-ei forte quanto puder
e, sobre esta terra
 sagrada
abriremos nossas comportas

ÍNDICE

Prefácio	7
Duarte: Vera Poesia Multifacetada no Espelho Cabo-Verdiano	19
CADERNO I - 15 Momentos de um longo poema dedicado ao amor	
MOMENTO I	
(de um jardim inexistente)	47
MOMENTO II	
(mar e multidão)	49
MOMENTO III	
(buganvílias lilases)	51
MOMENTO IV	
(faits-divers)	52
MOMENTO V	
(mensagem)	53
MOMENTO VI	
(desabafo)	54
MOMENTO VII	
(confidência)	55
MOMENTO VIII	
(estação das bruxas)	56
MOMENTO IX	
(mensagem ao próximo milénio que já não tarda)	57
MOMENTO X	
(a vida é um teatro num acto único de desencontro)	58
MOMENTO XI	
(esquisso)	59

MOMENTO XII	
(século vinte, um dia incerto de um tempo de mágoas)	60
MOMENTO XIII	
(a lua em teu olhar)	61
MOMENTO XIII a	
(oferenda)	62
MOMENTO XIV	
(deserção)	63
MOMENTO XV	
(canção final)	64
CADERNO II - Exercícios poéticos	
Exercício poético 1	
Sobre a beleza e a morte	69
Exercício poético 2	
Extracto de viagem imaginada ao interior do meu país, dos homens e da vida	71
Exercício poético 3	
Sobre a morte	73
Exercício poético 4	
Discurso alucinado sobre a existência de mim	74
Exercício poético 5	
A ti	75
Exercício poético 6	
Discurso de defesa	77
Exercício poético 7	
Discurso angustiado sobre a vida	78
Exercício poético 8	
Sobre infâncias coloridas	79
Exercício poético 9	
O sonho	80
Exercício poético 10	
Mar e morte	81

CADERNO III - Poemas de bloqueio — e de amor e ausência	
Setembro	87
Amigo	88
Criança	89
Desejos	90
Corpo	91
Morreu uma combatente	92
Momento	93
Sortilégio	94
Abandono	95
Trilogia	96
Desejos - liberdade	97
Chuva	98
Querer	99
Espera	100
No instante	101
Solidão	102
Carência	103
Vãmente	104
Desesperadamente	105
Partida	106
Adeus	107
Epílogo	108
CADERNO IV - de quando se soltaram as amarras	
O povo em poesia	113
Não mais!	114
Natureza humana	115
Impotência	116
Guerrilheiro	117
Mensagem	118
Ai se um dia	119

Sortilégio	120
Oferenda	121
Espera	122
Insónia	123
Companheiro	124